

A presença da figura do estrangeiro em “Orientação” e “O Cavalo que Bebia Cerveja”, de João Guimarães Rosa

Robert Thomas Georg Würmli¹

RESUMO: O presente trabalho busca examinar como o autor modernista brasileiro João Guimarães Rosa trabalhou a figura do estrangeiro em sua obra, possuindo como corpus de análise dois contos produzidos pelo escritor: “Orientação” e “O Cavalo que Bebia Cerveja”, em que há o desvelar do Outro, em que o revelar da alteridade se faz presente. Kristeva (1991), Todorov (1983) e Simmel (1971) tornam-se relevantes ao artigo, ao observarem o estrangeiro.

ABSTRACT: The present paper wishes to examine how the modernist Brazilian author João Guimarães Rosa has worked the character of the stranger in his body of work, having as a corpus of analysis two short stories made by the writer: “Orientação” and “O Cavalo que Bebia Cerveja” in which can be observed the Other, the revealing of otherness shows itself. Kristeva (1991), Todorov (1983) and Simmel (1971) become relevant for the article, when observing the stranger/foreigner.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa; Conto; Estrangeiro; Alteridade.

KEYWORDS: Guimarães Rosa; Short Story; Stranger; Otherness.

Notas preliminares

As relações de alteridade na literatura vêm sendo trabalhadas com fôlego maior nas últimas décadas, dada a necessidade aparente da crítica literária em revelar e compreender certos motes principais que norteiam a produção artística contemporânea. Não obstante, essas pesquisas também vêm ao encontro da recente tendência latino-americana em buscar as aproximações e distanciamentos entre indivíduos, no contexto literário. Tal tendência visa a se ater à questão sobre o que é “ser latino-americano”, adentrando-se, assim, em questões relacionadas à construção da identidade de um sujeito.

Uma vez que a América Latina e a produção literária dessa encontraram no revisionismo e nos estudos sobre a alteridade um foco valioso e primordial para esboços acadêmicos relacionados à compreensão dos povos e sujeitos que construíram a *psique* social dos indivíduos que habitam esse território, ajudaram a moldar a ideologia do

¹ Mestrando em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus de Cascavel-PR. Bolsista de mestrado CAPES. Integrante do grupo de pesquisa "Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas diversas Linguagens". Tradutor Público e Intérprete Comercial do estado do Paraná, em Língua Inglesa.

continente, bem como fundaram os parâmetros de como cada ser enxerga sua experiência de vida e como essa afeta o Outro, seja ele quem for. Nota-se como coexistente à sociedade empírica é também a sociedade literária², por assim dizer, responsável pela mudança na forma de pensamento geral. Esses conceitos são importantes no sentido de delinearem, mesmo que apenas em certos aspectos, a forma como a literatura lê a sociedade que a circunda e como ela é lida por essa.

Aproximando-se mais à realidade artística brasileira e como essa foi relevante ao país, observa-se que é, primordialmente, no período do Modernismo brasileiro que tais questionamentos e indagações serão feitos pelos artistas tupiniquins. Rejeitar aquilo que Cândido (1989) trata como a “assimilação passiva” de noções trazidas ao país por meio de outras figuras, bem como a aceitação acrítica de tudo que era produzido na nação, torna-se motivo criador para o literato nacional. A compreensão acerca da importância das influências na construção de uma sociedade plural, unificadora e relativamente coesa foi ponto fulcral de crescimento ideológico para o Brasil, sem que se deixasse de analisar a produção interna do país e em que pontos essa era inovadora ou apenas mera cópia de estilos ultrapassados, descartados pela “metrópole”. Embora houvesse *faíscas* dessa mentalidade em outros períodos literários e em outros momentos políticos do Brasil, foi no período literário do Modernismo e no período social referente, praticamente, à primeira metade do século XX, que a manifestação artística e social em torno de uma construção ideológico-política, propriamente dita brasileira, surgiu com maior fervor. Um distanciamento dos cânones literários europeus, aliado paradoxalmente à compreensão da necessidade das influências, gerou um período literário crítico e produtivo ao Brasil, especialmente relacionado à figura do Outro e às relações de alteridade entre indivíduos distintos.

Almejando encontrar distanciamentos e aproximações entre sujeitos, é possível observar que as obras do literato brasileiro João Guimarães Rosa possuem diversos meios de se encontrar tais relações. Tendo sido um dos principais escritores do Modernismo brasileiro e contista de produção variada e distinta, vários de seus escritos mencionam uma figura primordial para a compreensão acerca de como se produz ou se

² Aqui tida como a suposta boemia artística, em seus mais diversos âmbitos, e de importância ao menos tangencial nas mudanças que ocorreram na América Latina no último século, em larga escala. Sua criação estética, aliada ao seu engajamento político (quando esse existe), cria uma espécie de sociedade marginal, em que a voz desses autores e artistas é percebida mais claramente por meio do mundo ficcional criado por eles do que por suas ações na sociedade. Compreende-se que esse conceito é relativamente abstrato, e que há autores cujo engajamento político foi claro e forte, contudo, esse não é o caso de todos. Não obstante, a voz artística coletiva latino-americana, perceptível nas obras do período *boom* e *pós-boom*, foi responsável pela formação de um universo indagador que afetou consciente e inconscientemente a sociedade do continente.

distorce o conceito de alteridade. A alteridade, tal qual mencionada por Todorov (1998), é a descoberta que se faz do *outro*, daquele que não se conhece. Nesse sentido, uma das figuras mais emblemáticas e representativas acerca daquele que é *desconhecido* é o estrangeiro, tema recorrente na literatura universal e comum às obras de Guimarães Rosa. Se observarmos as palavras de Todorov, quando esse menciona que tal figura aparenta ser formada, também, por “desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie” (TODOROV, 1998, p. 3), observa-se como o sujeito provindo de outra nação, falante de outro idioma, pertencente a outro universo cultural, pode ser visto de maneira dissociativa e repressiva, caso as necessárias relações de empatia e alteridade não sejam produzidas. Nesse sentido, um dos autores brasileiros que mais se valeu desses encontros entre estranhos/estrangeiros foi Guimarães Rosa, que constantemente em sua obra relatou as aproximações entre figuras pertencentes a culturas distintas e como as relações entre essas se davam, quais as problemáticas que surgiam e como ocorria o processo de reconhecimento daquele ser outrora visto como pária social.

Nos contos “Orientação”, que integra *Tutameia*, e “O Cavalo que Bebia Cerveja”, publicado em *Primeiras Estórias*, por exemplo, é perceptível o modo com o qual se configuram as noções de compreensão da cultura e do estilo estrangeiros, partindo, sempre virtualmente, da base de que o estrangeiro é estranho, alheio, desconhecido e, portanto, ruim. Kristeva corrobora este ideal, ao indagar sobre “*Who is a foreigner? The one who does not belong to the group, who is not 'one of them', the other. The Foreigner, as it has often been noted, can only be defined in negative fashion*”. (KRISTEVA, 1991, p. 95).³ Ao observarem-se os contos em questão, é possível compreender que o estranho é visto, em primeira instância, quase sempre como um ser cuja existência é dúbia e deve ser observada de maneira mais cautelosa, para que não haja encontros perigosos e para que não se permita a entrada, de modo muito “liberal”, desse ser na cultura da qual ele não faz parte. Entretanto, observe-se, também, que da mesma maneira que o estrangeiro é visto de modo peculiar pelas pessoas da região à qual ele irá, esse mesmo estrangeiro mostra sinais de falta de entendimento acerca da cultura na qual tenta adentrar. Isso é mais explícito em “Orientação”, em que a personagem Quim mostra-se um tanto quanto impaciente com relação às ações de sua esposa, Rita Rola.

³ Nossa tradução: Quem é o estrangeiro? Aquele que não pertence ao grupo, que não é "um deles", o outro. O Estrangeiro, como tem sido frequentemente observado, só pode ser definido de uma forma negativa.

De todo modo, como exposto pela estudiosa, a primeira noção que se tem do estrangeiro está associada a uma negatividade, a uma falta de compreensão acerca desse sujeito distinto do nicho social, geográfico e político que o cerca. Nos dois contos supracitados, é possível observar essa figura, bem como a inicial repulsa e desdém que os nativos brasileiros possuem para com ela, conquanto ainda se considere e seja notável que a população brasileira, em geral, se apresenta mais receptível e aceitadora da presença de estranhos/estrangeiros. Desde o período de descoberta e colonização, as tribos indígenas autóctones (embora nem todas) e as gerações miscigenadas posteriores foram vistas como possuidoras de compaixão e benevolência para com aquele que vem de fora. Note-se, além disso, que as próprias imagens estereotipadas de supostos símbolos nacionais refletem esse ideal de acolhimento e aceitação do outro, como pode ser observado nos símbolos e imagens usualmente associados ao carnaval, ao futebol, bem como o modo com o qual mulheres e bebidas alcoólicas são associados a prazer e bem-estar geral.

“Orientação” e “O Cavalo que Bebia Cerveja” – alteridade e o estrangeiro

Na literatura em geral, são inúmeros os estilos e tipos de estrangeiros presentes nas obras. Kafka, em obras como *O Castelo* e *O Processo*, apresenta uma espécie de estrangeiro. No primeiro romance, a personagem K. é enviada a um local que não conhece, povoado por estranhos e guiado por forças repressoras que não entende e que se apresentam como inatingíveis a ele; em *O Processo*, a personagem Josef K. (possivelmente a mesma personagem de *O Castelo*, uma vez que a figura de Josef K. se revelou constantemente nas obras do autor), embora conhecesse a cidade em que vivia, é surpreendida e presa por um crime que nem narratário nem protagonista terão o direito de saber durante a narrativa, tornando-se pária desse processo e de toda uma rede de justiça que aparenta ser estrangeira a ela. Albert Camus, com seu romance *O Estrangeiro*, também lidou com a temática de um ser que não se adapta à vivência que lhe é imputada. O norte-americano Somerset Maugham lidará com a temática em sua obra *O Fio da Navalha*, ao fazer um de seus protagonistas viajar pela Europa a fim de conhecer outras culturas e compreender outros povos. Finalmente, até mesmo Raskolnikov, em *Crime e Castigo*, de Dostoiévsky, é visto como estrangeiro/estranho pela sua família e por aqueles que o cercam, devido a sua inconstância e seu duplo modo de agir. Embora ele seja, de fato, um estrangeiro para São Petersburgo, uma vez que nasceu em outro local da Rússia, a personagem se torna alheia pelas suas atitudes, não necessariamente pela sua origem. Nota-se, assim, que em diversos momentos e em

variadas formas a figura do estrangeiro foi abordada na literatura, desde o período clássico grego até a contemporaneidade. Na literatura brasileira, é com obras de autores como Guimarães Rosa que tal figura será descrita e exemplificada.

De modo geral, entretanto, o estrangeiro é fato comum nas sociedades, e na contemporaneidade ganhou novas dimensões, uma vez que as fronteiras se tornaram muito mais acessíveis e fluídas, destituindo-se de certos valores sociais antigos, para que uma espécie de nova ordem fosse instalada. Tendo isso em vista, questiona-se o porquê de as sociedades continuamente rechaçarem o estrangeiro, imputando a ele uma noção secundária, possivelmente ruim. Culturalmente, “*the foreigner is a ‘symptom’ (Danièle Lochak): psychologically he signifies the difficulty we have of living as an other and with others.*”⁴ (KRISTEVA, 1991, p. 103). Chega-se ao ponto fulcral sobre a figura em questão, tanto do ponto de vista sociológico/antropológico, quanto aos estudos relacionados à teoria e à análise literária: a falta de reconhecimento do Outro; o problema existente com a ausência de alteridade reflete uma problemática intrínseca ao homem, a sua vivência enquanto ser finito e mortal. Entender-se por completo, de certa forma, representaria entender o outro, uma vez que se alguém descobrisse todas as minúcias da existência, se todas as problemáticas da experiência individual fossem sanadas, talvez fosse possível utilizar-se dessas descobertas para compreender as vivências desse Outro, atingindo-se uma espécie de “utopia da alteridade”.

De todo modo, o problema principal em relação ao estrangeiro encontra-se na forma como ele é percebido pelo Outro e no modo como ele mesmo percebe esse ser, alheio a ele. Não há, necessariamente, diferenças genéticas, sociais e/ou étnicas que sejam suficientemente poderosas para que um ser humano seja imediatamente rechaçado por determinada cultura (embora a religião e a ideologia política de culturas tenham se mostrado como definidoras da maneira com a qual seres que não correspondem a esses parâmetros serão tratados), logo, faz-se necessário compreender como a questão do estrangeiro está intimamente ligada a como um ser se avalia e o que ele provoca com os resultados dessa avaliação. Filosoficamente, o ideal da eterna insatisfação humana vem à tona, podendo-se pressupor que o rechaço ao estrangeiro é, ao final de tudo, o repúdio que um humano tem a tudo aquilo que não compreende, tanto dentro quanto fora de seu ser.

Mantendo-se a linha de pensamento seguida por Kristeva, além de objetivar com mais clareza como a figura do estrangeiro é paradoxal, principalmente na

⁴ Nossa tradução: o estrangeiro é um sintoma (Danièle Lochak): psicologicamente, ele representa a dificuldade que temos em conviver como um outro e com um outro.

contemporaneidade, quando as fronteiras, tal como se concebiam elas outrora, começaram a ruir, em detrimento a novas formas de interação entre sujeitos, tem-se a noção de que, com a globalização, com o encontro gradativamente maior de culturas em tempos menores, a noção de estrangeiro foi expandida para um conceito mais abstrato e, portanto, menos tangível. Deste modo, a autora comenta que “*we are all in the process of becoming foreigners in a universe that is being widened more than ever, that is more than heterogeneous beneath its apparent scientific and media-inspired unity*”⁵ (KRISTEVA, 1991, p. 104). Assim, a noção de que o estrangeiro se tornou mais comum, mais usual, em um mundo no qual supostamente as fronteiras haviam sido derrubadas, embora paradoxal, torna-se perceptível. Nesse sentido, a literatura revela-se novamente como forma artística de papel primordial na compreensão dos deslocamentos e modificações das relações humanas. Literariamente, tornou-se fonte para inúmeras obras, de variados literatos, que lidaram com a temática em suas diversas facetas.

Estabelecendo-se, neste momento, um foco principal para a análise em questão, os estudos da teórica Kristeva tornam-se novamente relevantes; para que haja uma delimitação mais específica acerca do foco e escopo de atuação da análise dos contos do autor brasileiro, deve-se definir de que modo Guimarães Rosa configura as narrativas e as suas personagens estrangeiras dentro das diegeses dos contos, de modo a construir as necessárias problemáticas acerca da alteridade e falta de entendimento das vivências de seres que não conhecem a cultura nativa do local do qual fazem parte no momento em que as narrativas se instauram. O enfoque maior recairá sobre o estrangeiro em sua faceta, talvez, mais comum: o homem que deixa a sua terra natal e tem de lidar com as diferenças culturais, linguísticas e sociais de um país que lhe é distinto. Deixa-se, assim, o escopo mais abstrato e filosófico da noção do estrangeiro, importante de ser compreendido atualmente, mas menos utilizado em ambos os contos em questão. Destarte, a definição de estrangeiro a ser seguida para os contos do literato brasileiro é aquela trazida a público por Kristeva, quando essa sugere que “*with the establishment of nation-states we come to the only modern, acceptable, and clear definition of foreignness: the foreigner is the one who does not belong to the state in which we are, the one who does not have the same nationality*”⁶ (KRISTEVA, 1991, p. 96).

⁵ Nossa tradução: nós estamos todos no processo de nos tornarmos estrangeiros em um universos que está sendo expandido mais do que nunca, que é mais do que heterogêneo embaixo de sua aparente unidade científica e inspirada pela mídia.

⁶ Nossa tradução: com o estabelecimento das nações-Estado chegamos à única definição moderna, clara e aceitável de estrangeirismo: o estrangeiro é aquele que não pertence ao Estado em que estamos, aquele que não possui a mesma nacionalidade.

De vez, desderam-se, o caso não sucedeu bem. O silêncio pôde mais que eles. Ou a sovinice da vida, as inexatidões do concreto imediato, o mau-hálito da realidade. Rita a Rola se assustou, revirando atrás. Tirou-se de Quim, pazpalhaço, o dragão desengendrado. Desertou dele. Discutiam, antes – ambos de cócoras: aquela conversação tão fabulosa. E nunca há fim, de patacoada e hipótese. (ROSA, 1979, p. 109).

Assim sendo, os contos “Orientação” e “O Cavalo que Bebia Cerveja”, que apresentam sujeitos deslocados de sua terra natal, serão tratados como exemplo dessas definições de Kristeva outrora mencionadas.

Em “Orientação”, tem-se a história conturbada e, mesmo assim, bela de amor entre Quim, imigrante chinês vivendo em terras brasileiras, e Rita Rola, brasileira nativa. No conto, o relacionamento de ambos é marcado pela falta de compreensão e apreensão dos mundos que os separam, provocando, inicialmente, um processo reverso de alteridade. A quase repulsa pelos trejeitos um do outro provoca o distanciamento e eventual término do relacionamento. Note-se que esta problemática está muito mais ligada à figura de Rita Rola do que à de Quim, embora a personagem masculina também falhe em buscar entender os trejeitos, maneirismos e modos de uma mulher sertaneja brasileira, obviamente distinta das mulheres chinesas às quais Quim provavelmente estaria acostumado. Assim, “o conto estrutura-se em torno de oposições que estão presentes desde o título à relação amorosa entre a sertaneja e o chinês” (OLIVEIRA, 2010, p. 534), mesclando a noção de Orientar com a de Oriente, nas criações, ambiguidades e neologismos linguísticos característicos da obra de Guimarães Rosa.

Primeiramente, observe-se a voz enunciativa do conto, narrador intradieético/heterodieético, segundo nomenclatura estipulada por Genette (s/d), uma vez que as ações que narra o introduzem dentro da narrativa. Porém, em momento algum, torna-se o narrador uma das personagens do conto. A única menção explícita que o inclui como um ser dentro da narrativa ocorre quando é relatado que “dele a gente gostava” (ROSA, p. 108), momento em que a voz enunciativa adere ao coro popular, revelando que a normalidade de atitude para com Quim era amistosa. Assim, a voz enunciativa trata dos acontecimentos de modo a demonstrar que a figura de Quim, aparentemente, era conhecida pela sociedade interiorana mineira, uma vez que seu verdadeiro nome, Yao Tsing-Lao, fora diminuído e reconstruído para Joaquim e, finalmente, Quim, fato que revela que a personagem possuía, ainda que minimamente, algum teor de intimidade para com as pessoas da região, além de ser bem quista por essas. Desse modo, o que se notará no conto não é a relação de estranhamento entre a

personagem e toda a população sertaneja local de Minas Gerais, mas o “embate” entre Quim e sua amada, Rita Rola.

Sutilmente, em um modo de narrar que se tornou característico em *Tutameia*, Guimarães Rosa, por meio de seu narrador, expõe fatos e indica caminhos de observação e análise de suas personagens principais. Após o comentário sobre a população da cidade mineira se dar bem com o imigrante chinês Quim, é narrado que “o chinês tem outro modo de ter cara” (ROSA, p. 108), método de revelar ao narratário como Quim, por ter crescido em uma cultura e sociedade bastante alheia àquela que experienciava no sertão brasileiro, era um ser cujos modos, cujas “caras”, eram distintas daquelas do resto da população local, menção que também indica o caminho para o qual o conto seguirá: o confronto, mesmo que não intencional, entre culturas distintas, a falta de compreensão do Outro e os problemas que isso acarreta.

Novamente, o conto segue um rumo característico das narrativas rosianas: o acaso toma conta de colocar uma espécie de *deus ex machina* em ação: o senhor para quem Quim trabalhava, nomeado como Dr. Dayrell, repentinamente some e o sítio desse se torna encargo de Quim. Observe-se que não há como saber se o doutor morreu ou simplesmente teve de se afastar, uma vez que a narração menciona que “Dr. Dayrell partiu e deixou-o a zelar o sítio da Estrada” (ROSA, p. 108), impossibilitando a definição exata do que ocorrera ao patrão de Quim. De todo modo, é esse momento que levará a personagem estrangeira a assumir uma posição de destaque na sociedade mineira, facilitando, ao menos em partes, o contato entre Quim e Rita Rola.

O nome dela também é revelador das dificuldades que estrangeiros têm em reconhecerem e serem reconhecidos pelos outros, de entenderem o Outro e o aceitarem. Se Quim era assim chamado porque os mineiros não conseguiam pronunciar seu nome de maneira correta, Quim também tem problemas em nomear Rita, como é notado no trecho em que é observado que seu nome, “por apelido Rita Rola – Lola ou Lita, conforme ele silabava,” (ROSA, p. 108), era difícil de ser pronunciado pelo chinês, uma vez que é de conhecimento comum que há uma dificuldade na vocalização do som de “r” para falantes de idiomas como o japonês e o chinês, e que esse som tende a ser pronunciado como um “l”, em momentos. Instaura-se um problema de aparente ordem menor que, contudo, é o centro de como os dois amantes não compreendem um ao outro: ambos têm problemas em chamar o outro pelo seu verdadeiro nome, tratando-se por alcunhas facilitadas para a compreensão geral. Se cada integrante do casal não consegue entender e falar o nome do outro, a relação possui um problema desde a sua

gênese, ainda mais quando se considera que o nome de uma pessoa é um dos primeiros contatos e uma das primeiras formas de compreensão de um ser.

Os dois se apaixonam, se casam, vivem uma vida plena, ao menos inicialmente. As diferenças são tratadas quando possível; porém, aos poucos, as culturas opostas tomam conta de cada um dos indivíduos, que deixam de analisar o outro como um ser cuja riqueza cultural merece ser estudada para verem um bloqueio no Outro, um estrangeiro, um ser impossível de ser descoberto. Toma-se forma o silêncio, e esse termina por destruir a relação de ambos. Isso é observável no conto, embora o narrador ainda permita a atribuição da culpa pelo fracasso do casamento a outras possibilidades:

De vez, desderam-se, o caso não sucedeu bem. O silêncio pôde mais que eles. Ou a sovinice da vida, as inexatidões do concreto imediato, o mau-hálito da realidade. Rita a Rola se assustou, revirando atrás. Tirou-se de Quim, pazpalhaço, o dragão desengendrado. Desertou dele. Discutiam, antes – ambos de cócoras: aquela conversação tão fabulosa. E nunca há fim, de patacoada e hipótese. (ROSA, p. 109).

Jogos simbólicos também são construídos nesse momento, uma vez que Rita passa a ver Quim como um dragão, situação que, provavelmente, seria de orgulho para o chinês, pois o animal lendário é sagrado para aquele povo, símbolo de respeito, força e reverência, enquanto no Brasil a figura aparece em sua noção ocidental, geralmente, como monstro, capaz de destruir tudo aquilo que surge em seu caminho. O silêncio, criado pela falta de compreensão, pelo cessar das tentativas de entender o outro, mina a relação de ambos e ocasiona o fim do casamento. A noção de alteridade, desperta no início da relação, é supressa pelos problemas que surgem em uma relação com pessoas tão “opostas”. Rita pecava pela verborragia demasiada, pelos insultos, pelo exagero; Quim, por ser quieto, conciso, obtuso, em momentos.

O casal se separa, Quim deixa a fazenda e segue para rumo desconhecido, talvez para a morte, e é nesse ponto que o processo de alteridade começará a ser reestabelecido. Rita passa a viver sozinha novamente, e nesse momento começa a repensar suas atitudes, sua vida com Quim, seu casamento. Ela “mudara, mudava-se” (ROSA, p. 110), denotando que um processo contínuo e sério de revisionismo, por parte de Rita, toma lugar. Insatisfeita com o que a vida lhe fizera, com o que ela fizera para si, passa a modificar suas atitudes e sentir falta do marido. Nesse processo, fica expresso “também o ato de ‘orientalizar-se’ por que passa Rita Rola, que sofre um processo de aculturação, assimilando a cultura oriental do marido” (OLIVEIRA, 2010, p. 531), perceptível ao final do conto, quando a alteridade toma forma e ocorre uma

compreensão maior do estrangeiro. A descrição que Guimarães Rosa faz evidencia o estranhamento que perdura, durante boa parte da narrativa, nas duas personagens - ao mencionar-se que “O par – o compimpo – til no i, pingo no a, o que de ambos, parecidos como uma rapadura e uma escada” (ROSA, p. 109), revela a problemática inicial de ambos, dada a não compreensão dos mundos culturais que os separam.

Nada mais se saberá sobre Quim, e, ao final do conto, Rita, agora com a cultura chinesa assimilada, porém, de forma ativa - pois aparenta reviver a figura de Quim ao fazer isso, não sendo, portanto, completamente alienada a atitude da sertaneja-, passa a viver o que lhe resta de sua vida, mudando, reinventando-se quando necessário, revelando que, embora tardia, a compreensão do Outro chegara, e trouxera o sentimento de saudade à mulher sertaneja brasileira. O estrangeiro deixa de ser incompreendido para se tornar parte da vivência de Rita, parte de quem ela é.

Já no conto “O Cavalo que Bebia Cerveja”, a personagem principal, seo Giovânio, imigrante italiano, esconde o irmão, mutilado após a guerra, dentro de casa e, por isso, evita contato com a maioria das pessoas e vive uma vida reclusa, a não ser pela necessidade de comprar cerveja para seu cavalo. Passa a confiar em Reivalino Belarmino, jovem que, inicialmente, rejeita o estrangeiro e o considera como figura que merece atenção, como pode ser visto no trecho inicial, com “essa chácara do homem ficava meio ocultada, escurecida pelas árvores, que nunca se viu plantar tamanhas tantas em roda de uma casa. Era homem estrangeiro.” (ROSA, 2005, p. 91) e, depois, com a menção de que “tudo nele me dava raiva” (ROSA, 2005, p. 91). Contudo, é essa mesma atenção que gera curiosidade e, conseqüentemente, leva a personagem a enxergar em seo Giovânio um colega, completando o processo de alteridade, pois “é esse saber oculto, os motivos do estrangeiro ser assim, tão diferente, que movem o brasileiro. Entender o estrangeiro é um dever para ele” (ROLIM, 2011, p. 3).

Partindo de uma voz enunciativa contrária àquela vista em “Orientação”, em “O Cavalo que bebia cerveja” há um narrador intradieético/homodieético. Reivalino é personagem importante na trama contada por ele mesmo, e figura constante na narrativa. Contudo, a história que conta não é a dele, mas a de seo Giovânio, o imigrante italiano que viera parar em terras brasileiras. Antes de transformar a compreensão do estrangeiro em um dever para ele, Reivalino, entretanto, tratava-o de maneira ríspida e arisca, evitando muitos contatos com o italiano. Achava-o de modos grosseiros e estranhos. Não obstante, tal qual ocorre em “Orientação”, os erros de pronúncia dos nomes das personagens levam a uma espécie de autodespersonificação. Giovânio não consegue pronunciar o nome de Reivalino corretamente, chamando-o de “Irivalíni”, fato

que causa angústia e raiva ao jovem brasileiro, que sente mais a perda de seu nome do que Giovânio sente a falha que comete ao não saber pronunciar o nome do rapaz. Como explicitado anteriormente, assim é como o indivíduo enxerga os seus arredores e a sua relação com o Outro que definirão como a alteridade se dará. Reivalino sente-se despersonificado com tal fato e, devido também a isso, evita qualquer contato com o imigrante, com o estrangeiro.

Acerca desse ponto, salienta-se que é Reivalino que pressupõe uma série de más ações para Giovânio, sem que haja fatos comprobatórios a respeito de tais acusações. Sem saber os males que o italiano sofrera durante a guerra, pensa que a casa desse é fechada por considerar os vizinhos brasileiros ladrões; sem entender que um homem que vira outros morrerem ao seu lado, das mais diversas formas, sente-se contente em ajudar um enfermo, da maneira que melhor lhe couber, Reivalino não considera como boa a ação de Giovânio de pagar parte dos remédios da mãe do jovem brasileiro, embora aceite o dinheiro sem problemas. Finalmente, aceita o emprego que lhe é concedido não por boa-fé, mas por uma espécie de autocomiseração, uma necessidade de se autoafirmar para o estrangeiro que vinha lhe desafiar. Sinais claros de que, em um primeiro momento, Reivalino nada tenta fazer para compreender os motivos, razões e trejeitos do estrangeiro que viera morar em sua cidade. A alteridade, enquanto processo necessário para a compreensão do Outro, não ocorre, e Giovânio é visto como inimigo.

Novamente, devido ao acaso, “homens de fora”, autoridades relacionadas a estrangeiros e crimes internacionais (posteriormente, no conto, é narrado que ao menos um deles trabalhava para o Consulado) chegam à cidade e tentam convencer financeiramente Reivalino a espionar seu patrão e informar a eles tudo que encontrasse. Nesse momento, Reivalino, conquanto tenha aceitado o trabalho, encontra novos inimigos, novos estrangeiros vindos à cidade dele, tentando convencê-lo a cometer atos que não lhe agradam. A partir desse ponto, a relação entre Reivalino e Giovânio começa a se estreitar, e os laços de amizade, minimamente, surgem.

Ao final da narrativa, o que será o ponto crucial de estranhamento é o fato de que o cavalo de Giovânio de fato bebe cerveja, e que nada havia de estrangeiro ou de estranho no constante pedido do imigrante italiano para que as pessoas comprassem cerveja para o cavalo. O estranhamento ocorre por essa ser uma atitude não condizente com um equino; contudo, aliado a isso, é um imigrante que faz o pedido, um estrangeiro que, inicialmente, causa repúdio a Reivalino. Assim, esse fato exótico termina por ser, em partes, motivador de toda a revolta que o jovem brasileiro sentia para com o italiano;

uma atitude estranha torna-se, aos poucos, a epítome do que é o estrangeiro no estereótipo daquele que não busca conhecê-lo: um ser de atitudes avessas.

Entretanto, ao passar da narrativa, a empatia de ambos em relação um ao outro começa a crescer e, em determinado ponto do conto, é possível observar que Reivalino já enxerga e reconhece traços íntimos de Giovânio, revelando que o processo de alteridade havia iniciado. Isso é perceptível quando, durante uma refeição, observando as feições do estrangeiro, Reivalino pondera sobre como era “coisa terrível, assistir aquele homem, no não dizer suas lástimas” (ROSA, 2005, p. 94). Somente após passar tempo com o imigrante e começar a reconhecer seus trejeitos e seus modos, a entender quem aquele ser era, é que o brasileiro pode pressupor que havia coisas não ditas, escondidas, evitadas, pelo italiano. Reconhecer a tristeza que havia em Giovânio é marca de como a alteridade passa a fluir na narrativa e Reivalino, gradualmente mais, começa a entender quem era seu patrão, seus medos, angústias, solidões.

No momento de maior tensão da narrativa, é descoberto que Giovânio escondia um irmão dentro de casa, com o rosto desfigurado devido à guerra. Esse irmão morrera e precisava de um enterro. Reivalino auxilia o chefe como possível, e apenas vê o rosto do irmão quando o subdelegado da cidade chega e exige que o lençol que cobria o morto fosse levantado. O choque do sertanejo é tão grande que, depois dessa visão, decide que não mais poderia trabalhar para Giovânio. Antes de ir embora, no entanto, tem-se o momento de maior compreensão do Outro da narrativa, quando ambos se sentam para beber as cervejas, que não agradavam em sabor a nenhum deles, para tentar fazer sentido do que ocorrera e o que fora a vida, até então. Nesse trecho, Giovânio menciona que

— "Irivalíni... que esta vida... bisonha. Caspité?" — perguntava, em todo tom de canto. Ele avermelhadamente me olhava. — "Cá eu pisco..." — respondi. Não por nojo, não dei um abraço nele, por vergonha, para não ter também as vistas lagrimadas. E, então, ele fez a mais extravagada coisa: abriu cerveja, a que quanta se espumegasse. — "Andamos, Irivalíni, contadino, bambino?" — propôs. Eu quis. Aos copos, aos vintes e trintas, eu ia por aquela cerveja, toda. Sereno, ele me pediu para levar comigo, no ir-m'embora, o cavalo — alazão bebedor — e aquele tristoso cachorro magro, Mussulino. (ROSA, 2005, p. 95).

Ambos reconhecem o valor e importância que tinham um para o outro, e em um momento de comiseração, compreendem, de modo relativamente catártico, que a vida era estranha e que fatos ocorriam sem uma razão óbvia para eles. Ambos reconhecem que é o momento da separação e, de certa forma, aparentam demonstrar que sentirão

falta um do outro. O neologismo que Reivalino cria ao dizer “cá eu pisco” revela uma aceitação grande para com o estrangeiro, para com o outro, que antes fora visto como um ser cujo idioma era indigno. O estrangeiro é conhecido e reconhecido pelo nativo, bem como esse é entendido pelo imigrante. A alteridade se forma e laços de amizade são, se não criados, fortificados perpetuamente na narrativa.

Reivalino deixa a cidade e, mais tarde, descobre que seu patrão havia morrido, quando recebe como herança a chácara na qual o italiano vivia. Manda essa ser vendida, sem antes fazer questão que todas as marcas da opressão, do sofrimento, caracterizadas pelas árvores que circundavam o terreno, fossem destruídas. Segundo Oliveira (2011, p. 77),

o que se destaca na narrativa é o desenrolar da transformação gradual dos sentimentos do narrador em relação ao forasteiro, a mudança do estranhamento inicial e do preconceito com o imigrante para uma cumplicidade e compreensão de tudo o que aquele homem já havia vivido e de como a guerra o havia transformado.

O estrangeiro - figura outrora temível e passível de ser renegada, apenas pelo fato de divergir cultural e linguisticamente dos autóctones da região na qual vai parar, com o tempo, e com a presença dos processos formadores da alteridade - acaba por ser não apenas aceito, mas também inserido no grupo que anteriormente o havia ignorado. A assimilação ativa de conceitos, tanto do nativo quanto do estrangeiro, acaba por criar laços afetivos que perduram significativamente, agregando valor à existência dos envolvidos e justificando algumas das mazelas da vida para aqueles que as sofreram.

O modo com o qual Guimarães Rosa, por meio da voz enunciativa e da construção diegética, configura as personagens, tomando o embate e distanciamento inicial como motes possibilitadores da redenção e conseqüente aproximação entre elas, faz dos contos em questão obras reveladoras acerca de como se dão as relações interpessoais em terras brasileiras, sobre o receio e afastamento do sertanejo brasileiro da metade do século XX para com figuras que lhe parecessem distintas, e sobre como, mesmo assim, ao final de cada uma das narrativas, a vida e existência humanas permitem a união e congregação de povos e culturas que, outrora, aparentemente pareciam dissociados uns dos outros. Ressalta-se como tal nível de discussão faz-se necessário principalmente na contemporaneidade, em que a constante confluência entre caracteres distintos provoca o embate social e a necessidade de reconhecimento do processo de alteridade.

Conclusão

Em ambos os contos analisados, observa-se que a figura do estrangeiro está relacionada ao deslocamento cultural e espacial sendo, por isso, considerado pelos outros, ao menos inicialmente, como pária social, digno de desmerecimento e repulsa. Observe-se que essa construção se dá em mais do que um nível, uma vez que, mesmo que o estrangeiro seja bem recebido pelos “nativos”, esse ainda assim projetará sentimentos de deslocamento e indecisão acerca de seu papel dentro desse novo ambiente; logo, o processo de estranhamento é bilateral, agindo sobre e por causa do sujeito. Oliveira (2011, p. 79) menciona que “a singularidade do estrangeiro é um fator que ao mesmo tempo em que atrai, repele; ela atrai pela curiosidade da diferença, mas afasta os autóctones que não aceitam tais hábitos tão estranhos aos seus”, fator que pode ser observado em ambos os lados, uma vez que em “Orientação” temos não somente a falta de compreensão do lado de Rita Rola, mas do lado de Quim também, que falha ao não observar como certos trejeitos de Rita são naturais a sua origem sertaneja, portanto, não poderiam ser desconsiderados sem ao menos uma breve compreensão do que eles significavam para a moça.

Simmel, ao discutir a noção de estrangeiro, menciona que esse nada mais é senão “*the man who comes today and stays tomorrow – the potential wanderer, so to speak, who although he has gone no further, has not quite got over the freedom of coming and going*”⁷ (SIMMEL, 1971, p. 143), fator mais observável em “O Cavalo que bebia cerveja”, pois é notável a falta de mobilidade de seu Giovânio, que não pode ir e vir como bem deseja em sua cidade, muito menos em terras brasileiras, por ser procurado pelo Consulado. Além disso, embora possua terras na cidade, a aura de mistério que o circunda não permite uma compreensão por parte dos sertanejos, que continuamente o enxergam como o italiano imigrante que viera após a guerra, não o considerando como parte integrante e comum da cidade. Nesse sentido, a noção de andarilho em potencial se dá, mesmo que em menor medida, pelo fato de não haver uma casa *per se* para Giovânio; ele, até seu fim, é um imigrante, pois fugira de ações que precediam e o seguiriam, no caso, a guerra. Sendo quem era, não podia se estabelecer em algum lugar e, serenamente, considerá-lo como sua casa, seu lar, pois sabia que forças repressoras, isto é, policiais, sempre estariam em seu encalço.

⁷ Nossa tradução: O homem que chega hoje e fica amanhã - o andarilho em potencial, por assim dizer, que embora não tenha ido mais longe, não ultrapassou a liberdade de ir e vir.

De modo geral, nos contos de Guimarães Rosa é possível apreender os processos de alteridade inerentes às interações sociais, bem como a dificuldade que há em se compreender o Outro, nesse caso, o estrangeiro em seu sentido geográfico, um ser deslocado de sua terra natal, de sua nação, uma vez que sua vivência é alheia a do nicho social em que esse é posto. Não obstante, revela questões relacionadas a como o brasileiro enxerga a figura do estrangeiro. Mesmo sendo considerado um povo hospitaleiro e acalentador, nota-se que há problemáticas sérias exploradas por Guimarães Rosa no que diz respeito a como os seres se identificam em sociedade e, também, como avaliam os outros que aparecem em seu caminho. A noção de bando, comum a conterrâneos, acaba por provocar, mesmo em povos mais abertos a estranhos, uma sensação de mal-estar e incerteza para com aquele que vem de fora, o estranho/estrangeiro.

Assim, elucida-se que “*civilization, on the other hand, is a consequence of contact and communication. The forces which have been decisive in the history of mankind are those which have brought men together in fruitful competition, conflict, and co-operation.*”⁸ (PARK, 1928, p. 03). Deve-se estimular as afinidades entre culturas, buscando incentivar a competição e o bem-estar geral das populações, por meio do reconhecimento das forças que agem sobre cada cultura e , embora cada ser se reconheça em um nicho social determinado, deve aceitar e compreender determinados fatores presentes em culturas que são alheias a ele.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, s/d.
- KRISTEVA, Julia. *Strangers to Ourselves*. New York: Columbia University Press, 1991.
- OLIVEIRA, Aline Maria Magalhães de. O amor entre opostos: Alteridades em conflito em “Orientação”. *Via Litterae*: Anápolis, v. 2, n. 2, p. 527-540, 2010.
- OLIVEIRA, Aline Maria Magalhães de. *Estranhos no sertão: personagens estrangeiras de Guimarães Rosa*. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- PARK, Robert Ezra. Human Migration and the marginal man. In: *The American Journal of Sociology*, Chicago, v. 33, n 6, p. 881-893, 1928.
- ROLIM, Anderson Teixeira. A amizade sob os encobrimentos: análise de “O cavalo que bebia cerveja”, de João Guimarães Rosa. *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*: Curitiba, p. 1-7, 2011.

⁸ Nossa tradução: a civilização, por outro lado, é uma consequência de contato e comunicação. As forças que foram decisivas na história da humanidade foram aquelas que uniram homens em competição, conflito e cooperação frutíferos.

- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- ROSA, João Guimarães. *Tutameia (Terceiras Estórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- SIMMEL, Georg. The Stranger. In: *On Individuality and Social Forms*. Chicago: University Press, 1971.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.